

**GEORGE
ORWELL**

**O QUE É
FASCISMO?
E OUTROS
ENSAIOS**

Organização e prefácio
Sérgio Augusto

Tradução
Paulo Geiger



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © | by Espólio de Sonia Brownell Orwell

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa | Kiko Farkas e Ana Lobo/ Máquina Estúdio

Foto de capa | Acima: Bettmann/ Corbis/ Bettmann Archive/ Getty Images
Abaixo: Universal History Archive/ UIG/ Getty Images

Preparação | Erika Nakahata

Revisão | Márcia Moura
Luciane Varela Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George
O que é fascismo? : e outros ensaios / George Orwell ;
tradução Paulo Geiger ; organização e prefácio Sérgio Augusto.
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2889-1

1. Ciências políticas 2. Ensaaios 3. Fascismo 4. Sociologia
política I. Augusto, Sérgio. II. Título.

17-01892

CDD-320.533

Índice para catálogo sistemático:

1. Fascismo : Ciências políticas : Ensaios 320.533

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio

- 9 O jornalista exemplar

- 15 Resenha — *A guerra civil na Espanha*,
de Frank Jellinek

- 20 Sem contar os crioulos

- 27 Resenha — *Mein Kampf*, de Adolf Hitler
(tradução integral)

- 31 Profecias do fascismo

36	O grande ditador
41	W. B. Yeats
50	A literatura e a esquerda
54	Quem são os criminosos de guerra?
63	Socialistas podem ser felizes?
73	Ezra Pound
75	História e mentiras
79	Biografias
85	O que é fascismo?
90	Limites de viagem na Europa
93	Propaganda
96	Koestler e o ramo do livro
99	Resenha — <i>O negro do Narciso, Tufão, A linha de sombra, Dentro das marés</i> , de Joseph Conrad
102	Arthur Koestler
117	Raffles e miss Blandish
136	Sobre panfletos
141	Resenha — <i>Nós</i> , de E. I. Zamyatin
147	Iugoslávia e expurgo de escritores
150	Resenha — <i>A alma do homem sob o socialismo</i> , de Oscar Wilde
154	Resenha — <i>Notas para uma definição de cultura</i> , de T.S. Eliot

Sem contar os crioulos

Uma dúzia de anos atrás, quem quer que previsse o alinhamento político de hoje teria sido considerado um lunático. Mas a verdade é que a situação atual — não em detalhes, é claro, mas em suas linhas gerais — deveria ser previsível mesmo na era de ouro anterior a Hitler. Algo assim era de esperar que acontecesse no momento em que a segurança britânica fosse seriamente ameaçada.

Num país próspero, sobretudo num país imperialista, as políticas de esquerda são sempre, em parte, uma tapeação. Não pode haver uma reconstrução real que não leve, ao menos temporariamente, a uma queda no padrão de vida inglês, o que é outro modo de dizer que, na maioria, os políticos e jornalistas de esquerda são pessoas que ganham a vida pedindo algo que na verdade não querem. São ardentes revolucionários enquanto tudo vai bem, mas cada real emergência revela instantaneamente que estão simulando. Uma ameaça ao canal de Suez e descobre-se que o “antifascismo” e “a defesa dos interesses britânicos” são idênticos.

Seria muito superficial, bem como injusto, sugerir que no que agora é chamado de “antifascismo” não existe *nada* a não ser preocupação com dividendos britânicos. Mas é fato que as obscuridades políticas dos últimos dois anos, esse tipo de palhaçada monstruosa em que todo mundo está constantemente andando pelo palco com um nariz falso — quacres clamando por um exército maior, comunistas agitando Union Jacks, Winston Churchill posando de democrata —, não seriam possíveis sem essa consciência culpada de que estamos todos no mesmo barco. É muito a contragosto que a classe governante britânica tem sido obrigada a tomar uma posição anti-Hitler. Ainda é possível que consigam se livrar disso, mas estão se armando na óbvia expectativa da guerra, e é quase certo que vão lutar quando se chegar ao ponto em que a alternativa seria abrir mão de sua propriedade em vez de, como foi até agora, sacrificar as de outras pessoas. E enquanto isso a assim chamada oposição, no lugar de tentar deter a tendência para a guerra, está correndo na frente, preparando o terreno e se precavendo contra qualquer possível crítica. Até onde se possa descobrir, o povo inglês ainda está extremamente hostil à ideia da guerra, mas, assim que se reconciliarem com ela, os responsáveis não serão os militaristas, e sim os “antimilitaristas” de cinco anos atrás. O Partido Trabalhista mantém uma ardilosa lamúria contra o recrutamento ao mesmo tempo que sua própria propaganda torna impossível qualquer esforço contrário a ele. As metralhadoras Bren jorram das fábricas, livros com títulos como *Tanques nas próximas guerras*, *Gás nas próximas guerras* etc. jorram das gráficas, e os guerreiros do *New Statement* dissimulam a verdadeira natureza do processo por meio de expressões como “Bloco da Paz”, “Frente da Paz”, “Frente Democrática” e, em geral, fingindo que o mundo é um ajuntamento de ovelhas e bodes, ordenadamente dividido por fronteiras nacionais.

Com relação a isso vale a pena dar uma olhada no muito discu-

tido livro do sr. Streit chamado *Union Now*.* O sr. Streit, assim como os partisans do “Bloco da Paz”, quer que as democracias se unam contra as ditaduras, mas seu livro se destaca por duas outras razões. Para começar, ele vai mais além do que a maioria dos outros e oferece um plano que, mesmo sendo espantoso, é construtivo. Segundo, a despeito de uma típica ingenuidade bem americana do século XIX, ele tem uma atitude mental bastante decente. Abomina genuinamente a ideia de uma guerra e não mergulha na hipocrisia de fingir que todo país que possa ser trazido para a órbita britânica ou forçado a entrar nela se tornaria de imediato uma democracia. Seu livro, portanto, apresenta uma espécie de caso teste. Nele você enxerga a teoria das ovelhas e bodes em seu ápice. Se não puder aceitá-la dessa forma, você certamente jamais a aceitará na forma apresentada pelo Clube do Livro da Esquerda.

Em resumo, o que o sr. Streit sugere é que as nações democráticas, a começar pelas quinze que ele nomeia, deveriam formar voluntariamente uma união — não uma liga ou uma aliança, mas uma união, semelhante aos Estados Unidos, com um governo comum, uma moeda comum e um mercado interno completamente livre. Os primeiros quinze Estados são, é claro, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, os domínios autogovernados do Império britânico, além das democracias europeias menores, sem incluir a Tchecoslováquia, que ainda existiam quando o livro foi escrito. Mais tarde, outros Estados poderiam ser admitidos na União, se e quando “se mostrassem merecedores”. Fica implícito o tempo todo que o estado de paz e prosperidade existente na União seria tão invejável que todos os outros logo estariam ansiosos por se juntar a ela.

Vale a pena notar que esse esquema não é tão visionário quanto parece. É claro que ele não vai se concretizar, nada que é de-

* Por Clarence K. Streit. (N. E.)

fendido por estudiosos bem-intencionados jamais acontece, e há certas dificuldades das quais o sr. Streit não trata; mas isso pertence à ordem natural das coisas que *poderiam* acontecer. Em termos geográficos, os Estados Unidos e as democracias da Europa ocidental estão mais perto de ser uma união do que, por exemplo, o Império britânico. A maior parte de seu comércio é feita entre eles, que têm dentro de seus territórios tudo de que necessitam, e o sr. Streit provavelmente está certo quando alega que suas forças combinadas seriam poderosas o suficiente para fazer com que qualquer ataque a elas fosse inútil, mesmo que a URSS se juntasse à Alemanha. Por que então alguém veria, só de relance, que esse esquema tem algo de errado? O que, no tocante a ele, cheira mal? Porque ele *de fato* cheira mal, é claro.

O que cheira mal, como sempre, é a hipocrisia e o farisaísmo. O próprio sr. Streit não é um hipócrita, mas sua visão é limitada. Olhem outra vez para a lista de ovelhas e bodes. Não é preciso se deter nos bodes (Alemanha, Itália e Japão), eles são bodes com bastante certeza, e cabritinhos até. Mas olhem para as ovelhas! Talvez os Estados Unidos passem pela inspeção se não forem examinados muito de perto. Mas e quanto à França? E quanto à Inglaterra? E quanto à Bélgica e à Holanda? Como todos nessa escola de pensamento, o sr. Streit calmamente incluiu os enormes impérios britânico e francês — que em essência não são mais que mecanismos para explorar trabalho barato e negro — sob o cabeçalho das democracias!

Aqui e ali no livro, conquanto não frequentemente, há referências às “dependências” dos Estados democráticos. “Dependências” significa raças submissas. É explicado que elas devem continuar a ser dependências, que seus recursos devem ser repartidos entre os Estados da União, e que seus habitantes de cor não terão o direito de voto nos assuntos da União. Exceto quando os quadros estatísticos o demonstrem, nunca se deve, nem por um momento, adi-

vinhar que *números* de seres humanos estão envolvidos. A Índia, por exemplo, que conta com mais habitantes do que o total das “quinze democracias” somadas, só ocupa uma página e meia no livro do sr. Streit, e isso meramente para explicar que, como a Índia ainda não é compatível com o autogoverno, o *status quo* tem de continuar. E aí se começa a ver o que de fato iria acontecer se o esquema do sr. Streit fosse posto em operação. Os impérios britânico e francês, com seus 600 milhões de seres humanos destituídos, estariam simplesmente recebendo novas forças policiais; o imenso poder dos Estados Unidos estaria por trás do roubo à Índia e à África. O sr. Streit está revelando o segredo, mas *todas* as expressões do tipo “Bloco da Paz”, “Frente da Paz” etc. contêm algumas dessas implicações; todas implicam um aperto ainda maior da estrutura existente. A cláusula não mencionada é sempre “sem contar os crioulos”. E como podemos ter uma “postura firme” contra Hitler se ao mesmo tempo estamos nos enfraquecendo em nossa casa? Em outras palavras, como podemos “combater o fascismo” se fortalecemos uma injustiça muito mais ampla?

Porque certamente ela é mais ampla. O que sempre esquecemos é que o grosso preponderante do proletariado britânico não vive na Grã-Bretanha, e sim na Ásia e na África. Não está ao alcance do poder de Hitler, por exemplo, fazer com que um *penny* por hora seja o salário normal na indústria; isso é perfeitamente normal na Índia, e fazemos grandes esforços para que continue assim. Pode-se ter alguma ideia do verdadeiro relacionamento entre a Inglaterra e a Índia quando se reflete que a renda anual per capita na Inglaterra é algo como oitenta libras, e na Índia, cerca de sete. É muito comum que a perna de um *coolie* indiano seja mais fina do que o braço de um inglês. E não há nada de racial nisso, pois integrantes bem alimentados dessas mesmas raças têm físicos semelhantes; deve-se simplesmente à fome. Esse é o sistema em que todos vivemos e o qual denunciemos quando parece não

haver perigo de que seja mudado. Ultimamente, no entanto, tornou-se o primeiro dever de um “bom antifascista” mentir sobre isso e ajudar a manter tudo como está.

Que arranjo real, de um mínimo valor, poderia haver ao longo dessas linhas? Que sentido haverá, mesmo que a ação seja bem-sucedida, em derrubar o sistema de Hitler para estabilizar algo que é muito maior e, de maneira diferente, igualmente ruim?

Mas, ao que tudo indica, por falta de qualquer oposição real, esse acabará sendo nosso objetivo. As engenhosas ideias do sr. Streit não serão postas em operação, mas algo parecido com as propostas de um “Bloco da Paz” provavelmente será. Os governos britânico e russo ainda estão regateando, protelando e pronunciando ameaças veladas de mudar de lado, mas as circunstâncias provavelmente os levarão a ficar juntos. E depois o quê? Sem dúvida a aliança iria adiar a guerra por um ano ou dois. A movimentação de Hitler seria então tentar perceber um ponto fraco ou um momento com a guarda baixa; a nossa movimentação seria então por mais armamentos, mais militarização, mais propaganda, mais mentalidade bélica — e assim por diante, em velocidade cada vez maior. É duvidoso achar que uma prolongada preparação para a guerra seja, em termos morais, em qualquer aspecto melhor do que a guerra em si mesma; até existem motivos para se pensar que seja ligeiramente pior. Apenas dois ou três anos disso, e poderemos mergulhar quase sem resistência em alguma variante local de um austrofascismo. E talvez após um ano ou dois, como reação a isso, surgirá uma coisa que nunca tivemos na Inglaterra ainda — um movimento fascista real. E como ele terá a coragem de falar abertamente, vai arregimentar em suas fileiras aquelas mesmas pessoas que deveriam se opor a ele.

Para além disso, é difícil enxergar algo. A derrocada está acontecendo porque quase todos os líderes socialistas, na hora do aperto, são apenas Oposição à Sua Majestade, e ninguém mais sabe como

mobilizar a decência do povo inglês, com a qual nos deparamos em toda parte quando conversamos com seres humanos em lugar de ler jornais. Nada parece poder nos salvar exceto o surgimento, no decurso dos próximos dois anos, de um partido realmente de massas cujos primeiros pleitos sejam pela recusa da guerra e por uma correta justiça imperial. Mas se qualquer partido assim existe hoje é apenas como uma possibilidade, alguns minúsculos germes que jazem aqui e ali num solo não irrigado.

Adelphi, julho de 1939

*